

Editorial

Algumas concepções teóricas a respeito da palavra “cultura” e do que ela implica quando a tarefa é pensar as sociedades no mundo contemporâneo parecem desconsertar àqueles que se dedicam a compreender suas significações. O termo, já tão polissêmico, se torna ainda mais arredo às representações conceituais, uma vez que um objeto que se transmuta de modos imprevisíveis não se apreende com facilidade pelas abstrações teóricas, também moventes, não há dúvida, mas a passos muito mais lentos.

No plano das práticas comunicacionais especializadas, tecnologicamente instituídas, tem-se a impressão de que a experiência humana vive um tempo histórico no qual os discursos midiáticos se esfalfam para orquestrar, com artifícios desesperados, percepções e ações da vida coletiva, hoje realizada por atores anônimos e dispersos.

Problemas historicamente legados pelo capitalismo moderno, como a globalização econômica, o surto tecnológico e sua penetração nos hábitos sociais, as consequências desastrosas dos processos de descolonização, as migrações constantes, quase sempre de refugiados, para além de seus efeitos catastróficos, potencializaram novas formas de resistir e, com isso, modos de perceber, de sentir, de pensar e de agir diferentes e diversificados.

Enquanto se manifestam imprevisíveis transações culturais e mobilidades nos encontros quase sempre conflituosos ou problemáticos entre pessoas e comunidades forçadas a condições inesperadas de convivência, a discriminação, os discursos majoritários, os maniqueísmos ideológicos, os extremismos e preconceitos ignoram tal magnitude.

Epígonos, porém revisores da teoria crítica frankfurtiana e das ideias de Gramsci, pesquisadores da Escola de Birmingham (Hoggart, Williams, Thompson, Hall) e, na América Latina (Matín-Barbero, Canclini), conhecidos como “culturalistas”, são antecipatórios na compreensão teórica da multiplicidade sempre transitória da cultura. Para além do desafio epistemológico, esses estudiosos forçosamente abraçam por princípio um compromisso ético-político, porque concernem a todos os cientistas da cultura não apenas cartografar o que nela permanece, mas principalmente o que se move.

Os pensadores das sociedades contemporâneas não devem se

contentar em tipificar por meio de identificações estanques as metamorfoses subjacentes à superfície das representações dominantes. Os conceitos de “multicultural”, “intercultural” ou “transcultural” se coadunam para problematizarem um cenário que não se reduz a cenas, a contextos que não se deixam apreender por metodologias fundamentadas em dicotomias ou contradições, mas em movência, transumância, contágios nem sempre manifestos pela linguagem e que escapam a princípios teóricos atados a simples classificações taxonômicas.

No que diz respeito à esfera dos sistemas midiáticos e dos meios de comunicação de massa, os autores se detiveram para estudar, por exemplo, processos criativos e de experiência social que resistem ao diapasão homogeneizante do consumo de bens simbólicos produzidos e mercantilizados pela conhecida indústria cultural. Para os autores dos *Cultural Studies*, as estratégias majoritárias midiáticas, ironicamente, não logram com a mesma eficiência aquela estandardização cultural diante das singularidades constantemente reinventadas pela condição de diversidades nos modos de vida pós-Segunda Guerra, não mais se deixando confinar tão facilmente a comportamentos repertoriados pelos porta-vozes política e economicamente hegemônicos.

Este breve prólogo anuncia a nossa 23ª Edição, que se pauta no dossiê temático coordenado pela Professora Maria Cristina Leite Peixoto: *Mídia e Diversidade cultural*. Sigamos, nas próximas linhas, as premissas de suas ideias.

A mídia, espaço público contemporâneo, tornou-se passagem obrigatória para temas, questões e atores diversificados em busca de visibilidade e legitimidade social. A temática da diversidade cultural se destaca hoje pelos vínculos com processos socioculturais em curso, cujos efeitos incidem sobre a vida de todos: a globalização, as migrações, as construções identitárias, a intensificação dos contatos culturais, dentre outros. A importância da diversidade cultural decorre das potencialidades e desafios que traz consigo, seja o estímulo ao diálogo intercultural e à expressão das diferenças, seja à criação de conflitos.

Como importante instância produtora de sentido, a mídia, ao fazer circular discursos e representações ligados à multiplicidade das culturas, provoca constante reorganização reflexiva da sociedade em direções variadas. Se a democracia, o direito à comunicação e a liberdade de expressão integram o conjunto das mais importantes direções, a garantia da diversidade cultural na mídia é requisito para o seu pleno funcionamento.

Os diferentes sistemas simbólicos, tradicionais ou contemporâneos, merecem entrar na pauta dos meios de comunicação com o tratamento adequado, difundindo referências que auxiliem os indivíduos na realização de interações sociais mais igualitárias e respeitadas. Isso contribuiria para garantir um espaço de grande valor social para a expressão das diferenças, o exercício da crítica e a criação de disposições para aprender sobre a alteridade e a convivência, indo além da tolerância. Infelizmente, conteúdos midiáticos estão longe disso, mesmo no Brasil, país marcado pela presença de diferentes culturas. Grande parte da programação televisiva, de grande penetração no país, por exemplo, não reflete nossa maior riqueza e ainda exibe produtos que insistem no preconceito, na discriminação, na afirmação de estereótipos. Muitas vezes, simplesmente desconsidera temas concernentes à diversidade cultural, relegando-os à invisibilidade. Nesta presente edição da Revista Mediação, promover a reflexão sobre as relações entre mídia e diversidade e, por extensão, estimular o pluralismo e a diversidade midiática, são tarefas urgentes com as quais os artigos publicados pretendem colaborar.

Abrimos esta edição com o artigo *Democratização da mídia, espaço público e diversidade cultural*, de Carlos Henrique Demarchi. Partindo da constatação do pouco espaço destinado à produção regional pela TV aberta brasileira, o autor examina as possibilidades de se garantir a diversidade cultural no sistema de televisão comercial brasileiro a partir da democratização da mídia. Para Demarchi, é imprescindível uma maior participação do Estado no intuito de implementar políticas para a área cultural. Isso diversificaria o conteúdo veiculado pelas emissoras que hoje tem como característica uma cultura homogeneizante.

Analisar o discurso da intolerância veiculado pela rede TV Revolta é a proposta do artigo *Intolerância como política em discursos na rede social*, de Ercio Sena Cardoso. O canal, que surgiu em 2010 e tem sua maior expressividade no *Facebook*, tem como prática a utilização de postagens regulares para atacar personalidades políticas e ações sociais do governo. O autor analisou três vídeos do canal, postados no *Facebook* nos dias 26 de outubro, dia do segundo turno da última eleição presidencial, e outro no dia seguinte. Chega à conclusão de que a maior parte dos discursos veiculados pelo canal se ancorou em estereótipos hegemônicos da cultura brasileira e que, para muitos dos indivíduos personagens dos vídeos não é possível compartilhar um mundo de significações sem eliminar vozes dissidentes.

A necessidade de se pensar novos produtos para a televisão brasileira diante de um contexto de expansão da internet e do aparecimento das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) é a discussão levantada pelo artigo *O novo comportamento do telespectador em uma televisão em constante mudança*, de Mozarth Dias de Almeida Miranda. Para o autor, a televisão digital brasileira está sendo criada diante de uma realidade de convergência entre informática e telecomunicações, que tem como uma das características a participação do receptor na informação. Assim, o grande desafio da nova televisão seria o de analisar formatos, criar conteúdos e buscar a empatia de um público atuante.

Em *A representação da vida mediada por telas*, Ana Cecília Bisso Nunes investiga, a partir do episódio *Connection Lost* da série *Modern Family*, a cultura de convergência no cotidiano contemporâneo. O episódio retrata um conflito familiar por meio de uma tela do computador. Para a autora, ao utilizar-se como fio condutor da narrativa uma comunicação centrada em novas mídias como computadores, celulares e tablets, *Connection Lost* apresenta-nos a virtualização da comunicação cotidiana e materializa a teoria da convergência verificada nas situações familiares.

O tema de uma estética para o século 21 é discutido por Cláudio Henrique Brant Campos em *Paradoxos de uma estética digital*. O autor vale-se da releitura do pensador Vilém Flusser sobre o audiovisual, para quem imagem e música ganham o status de *imagem técnica*. Partindo da constatação da aproximação dessa imagem com a sintaxe musical, o autor pergunta quais itens poderiam ser anotados a partir de tal imagem. Seu objetivo é compará-los com uma estética do século 20, nomeada pelo compositor e esteta Hans Joaquim Koellreutter como uma *estética relativista do impreciso e do paradoxal*. O autor utiliza essa teoria para argumentar que as produções audiovisuais de hoje reverberariam questões das músicas e das artes das vanguardas.

Em *o fenômeno do gancho: a tensão e a interrupção*, Luís Enrique Cazani Júnior analisa a construção da tensão e a interrupção da fruição nas narrativas. Tal estratégia é conhecida como fenômeno do gancho e interessou ao crítico perceber sua especificidade na dramaturgia, no cinema, na oralidade e nas telenovelas. Para ilustrar o trabalho, o autor recorreu à *Medeia* (431 a.C.), tragédia grega de Eurípides, *Coelina ou a Filha do Mistério* (1800), melodrama clássico de René Charles Guilbert, de Pixérécourt, ao *Livro das Mil e Uma*

Noites e ao primeiro capítulo de *Avenida Brasil* (2012), telenovela de João Emanuel Carneiro.

Analisar o impacto da participação dos ouvintes na configuração da identidade profissional dos jornalistas é a proposta do artigo *Identidade Jornalística e participação no rádio*, de Mirian Redin de Quadros e Juliana Motta de Oliveira. Interessou às autoras perceber como os profissionais de rádio lidam com a mudança de papel do ouvinte, que, em certas circunstâncias, não apenas consome conteúdo, mas pode fornecer informações, questionar, corrigir e compartilhar o que consome. Para isso, foram entrevistados quatro profissionais do rádio da cidade de Santa Maria (RS). As entrevistas mostraram que os profissionais de rádio veem como positivo a participação dos ouvintes e com otimismo o papel do jornalista nesse contexto participativo.

O rádio será também o tema do artigo seguinte, intitulado *Interatividade e convergência na webradio da Rádio Jornal*. Nele José Roberto Andrade do Nascimento e Cecília Almeida de Lima identificam as diferentes formas de que o rádio tem lançado mão para promover a interatividade e a convergência midiática. Os autores elegem como *corpus* a Webradio da *Rádio Jornal*, a rádio pernambucana que foi a primeira emissora da América Latina a transmitir sua programação via *streaming* de áudio.

Em *A penny for your thoughts*, Thiago Perez Bernardes de Moraes questiona se as publicações de *The New York Times* influenciam a opinião dos americanos sobre as “políticas de audiência”. O autor parte da hipótese de que quanto maior for o número anual de publicações no *NYT* sobre políticas de audiências, mais favorável será a opinião dos americanos frente a esta categoria de temas. Como processo metodológico, foram utilizados os dados do *Gallup Institute* sobre a evolução da opinião pública dos americanos em relação aos temas da legalização da maconha, do casamento gay e do aborto e os dados gerados a partir da ferramenta *Chronicle* que mensura o volume de publicação anual de matérias no *The New York Times* sobre esses mesmos temas.

Analisar as representações produzidas pelo jornalismo internacional sobre a cultura de outros países é a proposta do artigo *Um turbilhão chamado Brasil*, de Maria Carolina Vieira. A autora aproveita o evento da Copa do Mundo de 2014 para analisar as imagens do Brasil construídas pelo jornal *The Guardian*. Valendo-se da análise de conteúdo, a autora constata que o jornal inglês apresenta uma visão de Brasil que transita entre o urbano e o idílico e/ou passional.

Constata ainda que, na maioria das vezes, a cultura do país é relacionada a questões sociais atuais.

Encerramos esta edição com o artigo *O acesso à prática cultural*, de Thiago Lucas Martins. Interessa ao autor compreender o que motiva os sujeitos de diferentes grupos sociais a visitar o Museu de Artes e Ofícios de Belo Horizonte cujo acervo é composto por instrumentos e ferramentas de trabalho, utilizados no período pré-industrial brasileiro, entre os séculos XVIII e XX. Apoiado nos conceitos de *capital cultural* e *habitus* construídos por Pierre Bourdieu e na sociologia de Bernard Lahire, o autor investiga se a origem social, o nível de escolaridade, a frequência a práticas culturais e o convívio social com os amigos e/ou colegas de trabalho poderiam influenciar o interesse de o sujeito fazer uma visita ao Museu de Artes e Ofícios.

Dedicamos os agradecimentos mais sinceros a todos os nossos habituais colaboradores, os Diretores da FCH, Professor Antônio Marcos Nohmy e João Batista de Mendonça Filho; à Coordenadora do Mestrado em Estudos Culturais Contemporâneos da Universidade Fumec, Professora Astréia Soares; ao Coordenador do curso de Publicidade e Propaganda da FCH, Professor Sérgio Arreguy; ao Professor Ismar Madeira, Coordenador do curso de Jornalismo da FCH; a Dunya Azevedo, criadora da Capa desta edição; ao designer gráfico Daniel Washington; e a todos os professores e profissionais que se dedicaram ao processo de editoração da 23ª edição da Revista *Mediação*.

Aproveitamos para antecipar aos nossos leitores e autores que o dossiê temático a ser acolhido para as submissões de autores para a Vigésima Quarta Edição, a se publicar no primeiro semestre 2017, será *Mídias, escutas e contemporaneidade*, que irá priorizar artigos cujas problematizações sobre as circunstâncias pelas quais experimentamos os sons do mundo, dos ruídos urbanos aos sinais sonoros das mídias que frequentamos (como sons de dispositivos aplicativos digitais), além da música, da canção e das falas em contextos midiáticos como os do rádio, da televisão e do cinema, dos concertos, dos videoclipes ou dos games. Os hábitos de escuta musical nos fluxos de frequência *online* e as recentes modalidades de escuta musical, tais como os *music on demand streaming services* abarcam igualmente os escopos desse tema.

Boa leitura!

Rodrigo Fonseca e Rodrigues
Luíz Henrique Barbosa
Editores